



■ Capítulo 3 – A Caixa de Pandora do Orçamento

Todos os anos a liturgia repete-se: o Ministro das Finanças surge de pasta na mão, olhar severo e ar de guardião do tesouro, anunciando ao país o novo Orçamento do Estado. Mas a verdade é outra: não abre uma pasta, abre um cofre amaldiçoado. E de lá saltam sempre os mesmos demónios — IRS, IVA e Impostos Gerais — prontos a devorar o que resta do bolso dos contribuintes.

Dizem-nos que é para “garantir os serviços públicos”, mas os hospitais continuam sem médicos, as escolas sem professores, os comboios sem maquinistas e a justiça sem justiça. A única coisa que nunca falta é a criatividade para inventar novas taxas e taxinhas, embrulhadas em powerpoints coloridos que prometem “rigor”, “equidade” e “sustentabilidade”.

É a eterna encenação: um teatro orçamental em que o povo aplaude resignado, enquanto os demónios tributários roem o salário mínimo e mordem as reformas. O ministro, de semblante carregado, finge que controla a cena, mas todos sabemos que é apenas o porteiro do inferno fiscal.

E no fim, quando já nada resta, ouvimos a frase que se tornou o refrão da política portuguesa: “Não há alternativa.”

Mas há. Sempre houve. Só que abriram a Caixa de Pandora do Orçamento e dela já não saem anjos — só demónios de contas públicas, com sede eterna de sangue e dinheiro.